

Nossos impostos não podem mais ser jogados no lixo



*Lá no mato tudo é triste
Desde o jeito de falar,
Pois o Jeca quando canta
Dá vontade de chorar
(Tristezas do Jeca)*

Em Ação Civil Pública distribuída no dia 23 de março (Processo 1000527-27.2016.8.26.0275) no Foro de Itaporanga (SP), a juíza Ana Carolina Miranda de Oliveira suspendeu a realização da 27ª Festa do Peão de Boiadeiro que o prefeito local desejava realizar em maio próximo.

Na peça inicial a promotora de Justiça Carla Murcia Santos demonstrou que o município apresenta diversas carências no atendimento de saúde e outros serviços públicos essenciais. Afirma a promotora que:

“O gasto de verba pública em evento dessa natureza fere também o princípio da supremacia do interesse público, que determina que TODA atividade pública deve buscar a consecução de uma finalidade pública, o que não se verifica. Em suma, considero irrazoável a destinação da expressiva quantia de dinheiro público para uma festividade desta natureza quando absolutamente todos os serviços públicos prestados pelo município são deficientes ou inexistentes.”

A péssima aplicação dos valores arrecadados como impostos tem sido um crime usual neste país em todos os níveis de governo: municipal, estadual e federal.



Em coluna de 28 de janeiro de 2013 — clique [aqui](#) para ler — afirmei que

“ Até então eu pensava que o sistema tributário se resumia em arrecadar, administrar e fiscalizar. Já aprendi um pouco mais: tem que fazer tudo isso e tem, ainda, que JOGAR O IMPOSTO FORA!”

Os leitores podem ainda consultar as colunas de 2/9/2013 (leia [aqui](#)), 7/4/2014 (leia [aqui](#)), 14/7/2014 (leia [aqui](#)) e 25/8/2014 (leia [aqui](#)), onde vários aspectos da mesma questão foram analisados.

No âmbito municipal tais desvios se verificam aqui em São Paulo, onde se constrói uma denominada “fábrica do samba”, lança-se um programa para instalar cinemas e já se aplicou vultosos recursos em obras que não eram prioritárias.

Pistas de skate que transformaram a Praça Roosevelt numa filial do inferno, ciclovias quase sempre desertas que atrapalham o trânsito etc. Tudo, é claro, com o dinheiro do povo.

Enquanto isso, o atendimento da saúde pública é horrível, as creches e escolas não recebem os recursos adequados para manutenção e melhoria, vias públicas estão esburacadas, o asfalto é uma ridícula tinta preta que se dissolve na primeira chuva e os remendos...

A nível estadual as verbas que poderiam destinar-se ao metrô, aos transportes em geral, aos hospitais, às escolas (o salário dos professores!), à segurança pública (onde está o guarda?), ao saneamento básico, etc. e tal, para onde vão?

Os estados hoje empregam verbas de propaganda até para o que não precisa de propaganda. A Sabesp tem concorrente?

Na União não há verbas para infraestrutura por exemplo. A saúde está doente. Faltam médicos e quando existem faltam ao serviço e ao que parece isso não é fiscalizado. Estradas federais são abandonadas e nelas há até pontes que ligam nada a lugar algum. Isso não é novidade: a famigerada Transamazônica há décadas se transformou numa tragédia e ninguém tomou qualquer providência.

Se não há recursos para tudo isso, porque foi concedida isenção tributária para a Fifa, por exemplo? Nada justifica o desperdício de verbas com propaganda oficial nas grandes redes de televisão e também na mídia impressa. Não é razoável supor que com dinheiro de impostos alguém esteja interessado no silêncio ou na cumplicidade desses veículos.

Portanto, são perfeitamente adequadas aos princípios da Justiça a ação proposta pelo Ministério Público do Estado de São Paulo contra a prefeitura municipal de Itaporanga.

Essas “festas de peão de boiadeiro” nada mais apresentam das primeiras boas intenções dos que as criaram. Em seu início na década de 50 tentavam incentivar o folclore, as tradições, as músicas e danças típicas: modas de viola, catira e cateretê. Homenageavam aos trabalhadores que enfrentavam milhares de quilômetros em cansativas viagens pelo sertão a levar boiadas das fazendas para os frigoríficos.



Transformaram-se elas em espetáculos tão grandiosos quanto grotescos, onde tudo é atividade lucrativa. Os “peões” hoje são apenas profissionais em busca de riqueza. Os artistas são pagos a peso de ouro e muitas vezes com cachês exagerados para suportar os intermediários e os aproveitadores de sempre. E o que é pior: nenhuma relação possuem com tradições ou músicas brasileiras. Tratam-se de negócios, só isso.

Não deve o dinheiro de impostos sofrer esse tipo de abuso. Tem razão a música de Angelino de Oliveira, que nasceu em Itaporanga: “*Dá vontade de chorar.*”

Date Created

04/04/2016